

A ÉPOCA MODERNA E O SURGIMENTO DA RAZÃO

META

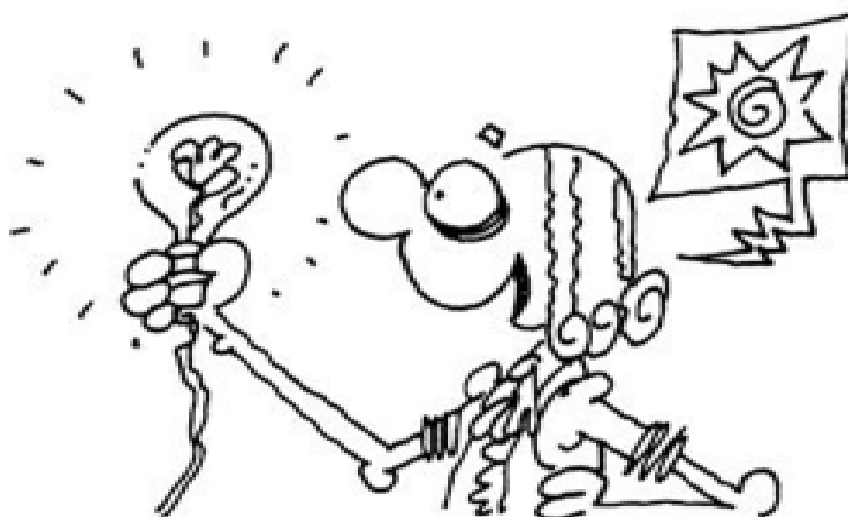
Compreender o que foi a época moderna.

OBJETIVOS

Ao final da aula, o aluno deverá:
caracterizar época moderna.
entender o significado da razão moderna.

PRÉ-REQUISITOS

Considerando a complexidade do tema, já abordado por diversos autores e considerando ainda, que este texto foi pensado e escrito sob a ótica dos autores mencionados na bibliografia, é recomendável que você faça uma releitura da aula anterior e da bibliografia indicada no final dessa aula, o que facilitará a sua compreensão, ao tempo em que suprirá as possíveis lacunas do texto.



O lema do iluminismo: “O Iluminismo representa a saída dos seres humanos de uma tutela que estes mesmos se impuseram a si. Tutelados são aqueles que se encontram incapazes de fazer uso da própria razão independentemente da direção de outrem. É-se culpado da própria tutela quando esta resulta não de uma deficiência do entendimento mas da falta de resolução e coragem para se fazer uso do entendimento independentemente da direção de outrem. Sapere aude! Tem coragem para fazer uso da tua própria razão!”

(Fonte: <http://www.confinsdarazao.blogspot.com>).

INTRODUÇÃO

Prezado aluno,

Na aula passada, você entendeu que o pensamento da Geografia antes do projeto moderno, teve uma forma própria de interpretar os fenômenos geográficos, inicialmente, a base das explicações era a mitologia ou a metafísica, posteriormente, as Sagradas Escrituras. Tendo em vista o conteúdo da aula anterior pergunto: Essa forma de pensar o mundo atendia às exigências do mundo moderno? O conteúdo dessa aula será desenvolvido a partir dessa indagação. Para que você compreenda o pensamento geográfico é preciso que inicialmente, entenda o que foi a época moderna e como os intelectuais se comportaram nessa nova ordem social.



Frederico, o Grande, encontra-se com Voltaire, gravura de N.Monsiaux. Voltaire foi um dos grandes nomes do Iluminismo.

(Fonte: <http://www.ebooks.adelaide.edu.au>).

A ÉPOCA MODERNA E O SURGIMENTO DA RAZÃO

O século XVIII, marcado pelo surgimento do Iluminismo, corresponde a um momento da nossa história, em que se abandonou o pensamento pautado nas Sagradas Escrituras, o qual subordinava a ciência à fé.

Nas instituições escolares da cultura medieval, todos os ramos do conhecimento permaneceram ainda no final do século XV, atrelados à Igreja, e o clero tinha o monopólio do ensino. Nas escolas para crianças, por exemplo, os ensinamentos, “[...] pareciam ser então, não disciplinas, mas diferentes facetas das práticas ordinárias da cultura escrita, indistintamente concebida como suporte da doutrina religiosa ou como instrumento necessário à gestão da vida e de suas ocupações [...]”. (HÉBRARD, 1990, p. 65). Geralmente quem ensinava nessas escolas era um padre. Desse modo, as Sagradas Escrituras ditavam as regras de condutas e de comportamentos da sociedade. Portanto, a ciência se desenvolvia nesse ambiente religioso, a partir de explicações metafísicas.

Esse modelo cultural e educativo, pautado em práticas educacionais utilizadas pela Igreja, deixou de corresponder às exigências econômicas, políticas e sociais da população, que passou a viver sob o foco das luzes, as quais possibilitavam o aperfeiçoamento da sociedade. Para atingir tal aperfeiçoamento, era preciso que o homem, aprendesse a dominar a natureza interna e externa e a desenvolver uma concepção da relação homem/sociedade, assim como a concepção de razão/natureza. A natureza fornece as leis da lógica do conhecimento e da vida social, possibilitando ao homem se orientar pela razão:

[...] que toma como modelo a lógica da natureza, o homem dirige as suas atividades de forma autônoma e toma-se consciente de sua humanidade, subtraindo-se do jugo da natureza, na qual estava incrustado. Com esse procedimento, a razão revela-se na sua plenitude, orientando um modo previamente elaborado de pensar, agir, sentir, imaginar e querer. (MONARCHA, 1999, p.76).

Por isso, convém ressaltar que o século XVIII possui uma importância fundamental no desenvolvimento do pensamento racional, uma vez que:

A liberdade - sujeitar-se à condição humana - efetiva-se mediante o desenvolvimento intelectual, compreendido como clareação. Em outras palavras, o administrador público, enquanto ideólogo, busca instaurar uma síntese harmônica das forças morais e jurídicas, reunindo as vantagens do estado natural e do estado civil: a liberdade mantém o homem isento do vício e a moralidade o eleva à virtude. Trata-se, assim, de tornar policiado e civilizado aquilo que não o é. Os ideólogos dessacralizam antigas concepções de mundo e de

vida e difundem no espírito do povo valores e modelos formadores, objetivando transportar o homem para fora de si próprio e tecer a imagem do outro. Produzem, desse modo, imagens acerca da organização da vida coletiva (MONARCHA, 1999, p. 76).

Nesse processo de aperfeiçoamento, “o homem não recorre mais as forças além do mundo, ele se vale de si próprio e o progresso é a sua garantia de sucesso”. (MENEZES, 2000, p. 80). Desse modo, o homem moderno:

[...] se reconhece como ser natural. Ele percebe que é possível entender-se a partir da própria natureza, sem recorrer ao sobrenatural. O homem faz experimentos, testa inclusive suas próprias forças e penetra num mundo que ele irá orientar segundo sua vontade, articulando-o segundo seus valores e seu interesse; nele verificará seu poder aumentando à medida que seus conhecimentos crescem. O homem é a sua própria medida e, com isso, recusa a autoridade eclesial ou teológica. (MENEZES, p. 2000, p. 89-90).

Assim, o mundo passou a ser entendido, sem o viés do encantamento, do sentimento e da magia e sim por meio da razão. A partir da razão emerge um conteúdo firme e imutável, e sua unidade e consistência são justamente a expressão da essência da própria razão.

Nesse sentido, Cassirer (1997), afirmou que “não existe um século que tenha sido tão profundamente penetrado e empolgado pela idéia de progresso intelectual quanto o século das luzes”. (CASSIRER, 1997, p. 22). Vale destacar que na época moderna, “os temas progresso e civilização encontraram guarida entre os ilustrados” (MENEZES, 2003, p. 9). Civilização e progresso são termos que na modernidade estão intimamente ligados. “Civilizar-se é pensar nos diversos progressos da humanidade: a ciência desenvolvia-se incontestavelmente e propunha um novo tipo de conhecimento [...]” (MENEZES, 2003, p. 16). Ainda considerando esse autor, desse modo chegaríamos aos progressos material, social e político; e até mesmo um progresso religioso.

Todos esses progressos levam ao pensamento ilustrado à seguinte conclusão: “A certeza de que o presente era mais esclarecido que as épocas anteriores, deveria apressar a nossa marcha (...) O progresso é a lei do mundo das almas”. Irradiando, enfim, todas as manifestações do pensamento, a razão empírica agia. Não era inata: formava-se, fortalecia-se, aperfeiçoava-se, de algum modo, a si própria. (MENEZES, 2003, p. 16).

Desse modo, para o referido autor:

Civilizar-se é, tanto para homens quanto para objetos, abolir todas as asperezas e as desigualdades grosseiras, apagar toda rudeza, suprimir tudo que poderia dar lugar ao atrito, fazer de maneira a que os contatos sejam deslizantes e suaves: tirar as pequenas partes que lhe tomam áspera a superfície; tornar claro, luzente à força de esfregar, observa Trévoux a propósito de uma aproximação mais preciosa do ato de polir. Pouco falta para que, figuradamente, polir se transforme em aclarar, no sentido da filosofia das Luzes. (MENEZES, 2003, p. 18).

Por isso, convém ressaltar que o século XVIII exerce uma importância fundamental no desenvolvimento do pensamento racional. A razão não estava mais apoiada em dogmas religiosos, superstições ou conceitos morais. “Deixou de ser a soma de ‘idéias inatas’, anteriores a toda experiência, que nos revela a essência absoluta das coisas”. (CASSIRER, 1997, p. 32). A razão para esse autor representa “[...] o poder original e primitivo que nos leva a descobrir, a estabelecer, e a consolidar a verdade. Essa operação de assegurar-se da verdade constitui o germe e a condição necessária de toda a certeza verificável”. (CASSIRER, 1997, p. 32). A razão moderna defendia o conhecimento científico através da experimentação e da técnica. Veja como esse outro autor, reforça a importância da racionalidade:

A razão se transformou em instituição no final do século XVIII, ela se transformou em ciência, constituída por modelos experimentais, segundo os princípios galileanos. O demiurgo platônico e a causa final aristotélica podem ser afastados e substituídos pela essência humana, pela natureza, ou, mais recentemente por uma maneira de “ser no mundo”. A razão é a fonte de generalização, da norma, do direito e da verdade. A ordem, equilíbrio, a civilização, o progresso são noções saídas diretamente deste sistema moderno que se proclama como a única via de acesso a um mundo verdadeiramente humano. (GOMES, 2007, p. 25).

Assim, a sociedade concebida pelo ilustrados, é intelectualmente bem situada, e o fundamento que lhe sustenta é a razão. A grande batalha das luzes é levar o esclarecimento ao homem, que passaria a pensar por si próprio, sem o auxílio de outrem, saindo desse modo, da sua menoridade intelectual, conseqüentemente, haveria uma emancipação e o progresso da humanidade se tornaria inevitável.

CONCLUSÃO

Com essa exposição, você percebeu que um novo ambiente estava posto para a sociedade iluminada e que a proposta da modernidade era tornar a sociedade civilizada, a fim de alcançar o progresso social. Esse desenvolvimento ou progresso geral teria como base a razão. A ciência por sua vez, adquiriu uma nova importância e a produção e a sistematização do conhecimento foram pontos relevantes nesse momento.



RESUMO

O século XVIII, marcado pelo Iluminismo propôs a redução da emoção, do encantamento e da magia, forma característica de entender o mundo na Antiguidade e na Época Medieval, e buscou a compreensão do mundo através da razão. É a partir da razão que emerge um conteúdo firme e imutável, e sua unidade e consistência são justamente a expressão da essência da própria razão. Pautado na razão, o homem não recorre mais às forças míticas, ele se vale de si próprio para compreender o mundo. Desse modo, a ciência se desenvolvia, propondo um novo tipo de conhecimento produzido por meio da experimentação e da técnica.

Com o desenvolvimento da ciência, do homem e conseqüentemente da sociedade, chegaríamos ao estágio da civilização.



ATIVIDADES

1. De acordo com esta aula, caracterize a época moderna.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

A partir de uma releitura atenta dessa aula, certamente você responderá a essa questão.

PRÓXIMA AULA

Na próxima aula você irá discutir as bases filosóficas da Geografia na época moderna, pois foi na Filosofia que essa ciência começou a se delinear na modernidade.



AUTO-AVALIAÇÃO

Agora que você terminou a sua leitura, indique o nível de compreensão deste texto:

Excelente (...)

Bom (...)

Regular (...)

Ruim (...)



REFERÊNCIAS

CASSIRER, Ernest. **A filosofia do iluminismo**. Tradução de Álvaro Cabral. Campinas: UNICAMP, 1997.

GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

HÉBRARD, Jean. A escolarização dos saberes elementares. **Teoria e educação**, Porto Alegre, v. 2, p. 65-110, 1990.

MONARCHA, Carlos. **Escola normal da praça: o lado noturno das luzes**. Campinas, 1999. (Coleção Momento).

MENEZES, Edmilson. Kant e a idéia de educação das luzes. In: **Educação e filosofia**. v. 14, p. 27-28, jan./jun e jul./dez. 2000.

_____. **Civilização e progresso moral em Kant**. São Cristóvão: UFS – NEPHEM, 2003. p. 86. Relatório técnico.

ROCHA, Genylton Odilon Rego da. **A trajetória da disciplina geografia no currículo escolar brasileiro (1837–1942)**. 1996. 302 f. Dissertação (Mestrado em Educação)– Programa de Pós- Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996.